

# A política da catástrofe: melancolia e despolitização da história na obra de W. G. Sebald



Dietrich/Alenmanha. Hermann Claasen, 1946, fotografia (detalhe).

*Raphaëlle Guidée*

Doutora em Literatura Comparada pela Université de Poitiers, na qual atua como *maître de conférences*. Autora, entre outros livros, de *Mémoires de l'oubli*: William Faulkner, Joseph Roth, Georges Perec et W. G. Sebald. Paris: Classiques Garnier, 2017. Raphaëlle. [guidee@univ-poitiers.fr](mailto:guidee@univ-poitiers.fr)

## A política da catástrofe: melancolia e despolitização da história na obra de W. G. Sebald<sup>1</sup>

Politics of catastrophe: melancholy and depoliticization of history in W. G. Sebald's work

*Raphaëlle Guidée*

*Tradutor: Alexandre de Sá Avelar\**

### RESUMEN

Sintomas da inflexão melancólica que domina as artes da memória no fim do século XX, as narrativas do escritor alemão W. G. Sebald se assemelham a um registro inesgotável das devastações causadas ou sofridas pela espécie humana. Nenhum progresso, senão no aperfeiçoamento das ferramentas de destruição; nenhum sentido, exceto no eterno retorno do desastre que faz do infortúnio a característica de uma “espécie desesperada”. Mas o quão é bom exumar os traços das vítimas da história se é impossível esperar acabar com a violência por elas sofrida? Por que ressuscitar os oprimidos cuja história apenas repete a derrota irreparável? Examinando o diálogo contínuo entre a obra de Sebald e as teses “sobre o conceito de história” (1940), de Walter Benjamin, este artigo demonstra os riscos de despolitização de uma filosofia fundada no valor revolucionário da memória dos vencidos e tenta, portanto, esclarecer a tensão entre ética e política que atravessa um grande número de produções memoriais contemporâneas.

**PALABRAS CLAVE:** Sebald; melancolia; despolitização.

### ABSTRACT

*Symptoms of the melancholic inflection that dominates memory arts in the late twentieth century, German writer W. G. Sebald's narratives are similar to an inexhaustible record of devastation caused or endured by the human race. No progress, but improvement of the tools of destruction; no sense, except in eternal return of the disaster that makes misfortune the characteristic of a “desperate species.” But why exhume the traces of history victims if it is impossible to hope put an end to the violence they endured? Why resuscitate the oppressed whose history only repeats their irreparable defeat? Looking at the continuous dialogue between Sebald's work and Walter Benjamin's theses “On the concept of history” (1940), this article demonstrates the risks of depoliticization of a philosophy rooted on the revolutionary value of the memory of the vanquished, and thus attempts to clarify the tension between ethics and politics that underlies a great number of contemporary memorial productions.*

**KEYWORDS:** Sebald; melancholia; depoliticization.

\* Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor do Instituto de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pesquisador do CNPq. Co-organizador, entre outros livros, de *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018. alexandre.avelar@uol.com.br

<sup>1</sup> Artigo originalmente publicado na revista *Europe*, n. 1009, Paris, 2013, p. 53-67. A tradução optou por manter os títulos dos livros tais como foram citados pela autora. Agradecemos a ela pela gentil cessão do texto.

### Apresentação da autora

Ao longo das últimas décadas, uma extensa bibliografia se desenvolveu em torno dos debates a respeito das relações entre história e literatura, cobrindo uma multiplicidade de posições que dialogavam diretamente com noções tais como verdade, autoria, representação. Um dos eixos decisivos



dessas discussões centrou-se nos chamados “limites da representação” dos eventos traumáticos do século XX, as grandes tragédias que configuravam esses “passados que não passam”.<sup>2</sup> A questão de saber como era possível figurar experiências que pareciam escapar às formas narrativas convencionais alimentou controvérsias variadas, mas, por outro lado, nos legou reflexões das mais estimulantes.

Os trabalhos de Raphaëlle Guidée estão inseridos nesse movimento de aproximação crítica entre as representações histórica e literária da violência e da dimensão ética da reconstrução do passado. O fio condutor de seus escritos poderia ser descrito a partir da seguinte questão: como render justiça às vítimas de outrora com as nossas sempre limitadas maneiras de narrar os acontecimentos? Ou, em outros termos, como nos recordarmos das violências passadas com base em registros esparsos, fragmentos que revelam que, junto com a experiência do passado, também desapareceram as formas de sua transmissão? Esta indagação foi mais sistematicamente explorada em seu livro *Mémoires de l'oubli*, em que interroga sobre os sentidos das memórias dos desaparecidos, tendo como ponto de partida o fato de que elas falam muito mais de um mundo que se extinguiu do que de sua presença. Tais memórias são melancólicas e não se cansam de marcar os limites do nosso esforço intelectual para restituí-las. São, portanto, as “memórias do esquecimento”.<sup>3</sup>

O artigo aqui traduzido compõe uma pequena amostra do conjunto das reflexões de Guidée e apresenta-se como um convite para que nossos leitores se aprofundem nesse importante e denso debate sobre as dimensões ético-políticas das representações do passado levadas a cabo por historiadores e literatos.

Alexandre de Sá Avelar

\* \* \*

Consideradas inclassificáveis, as histórias de W. G. Sebald incorporam, entretanto, aos olhos de muitos leitores, um certo espírito de época (a melancolia dos herdeiros das catástrofes do século XX), uma experiência do tempo<sup>4</sup> e uma poética histórica que estão em ressonância com as múltiplas tentativas contemporâneas – na literatura, nas artes e nas ciências humanas – de dar um lugar aos incontáveis vencidos da história. Marginal e, não obstante, emblemática, a obra se presta à tentação de se fazer dela um observatório das tensões que atravessam nosso presente e suas representações, em um espírito não muito distante daquele que animava Sebald, quando ele lia e comentava outros autores, restituindo, ao mesmo tempo, a singularidade de suas abordagens artísticas e o contexto histórico que a determinava.

Parece-me quase uma evidência que esta mistura de ressonâncias de época e de irreduzível singularidade explica, em grande medida, o sucesso de crítica e público da obra de Sebald. Mas é precisamente esta fascinação coletiva que se torna uma questão, na medida em que ela frequentemente deixa de lado os aspectos problemáticos dos seus textos e chega mesmo a aceitar, sem um real exame, as posições claramente polêmicas. Uwe Schütte, em um artigo recente, analisa corretamente o processo de canonização que levou uma parte da crítica sobre Sebald a proceder

*exatamente do mesmo modo dos alemães que ele havia criticado com tanta aspereza,*

<sup>2</sup> A síntese mais expressiva desse debate pode ser encontrada em FRIEDLANDER, Saul (org.). *Probing the limits of representation: nazism and the “final solution”*. Cambridge: Harvard Press University, 1992.

<sup>3</sup> Cf. GUIDÉE, Raphaëlle. *Mémoires de l'oubli*: William Faulkner, Joseph Roth, Georges Perec et W. G. Sebald. Paris: Classiques Garnier 2017.

<sup>4</sup> Sobre estes pontos, ver, no presente volume da *Europe*, a entrevista de François Hartog e ao artigo de Romain Bonnaud. HARTOG, François. La simultané du non-simultané. *Europe*, n. 1009, 2013; BONNAUD, Romain. Une expérience de l'histoire. *Europe*, n. 1009, 2013

<sup>5</sup> SCHÜTTE, Uwe. Sebald's critical essays. In: CATLING, Jo & HIBBITT, Richard (dirs.). *W.G. Sebald: a handbook*. Londres: Legenda, 2001, p. 164.

<sup>6</sup> As conferências sobre a guerra aérea e o polêmico ensaio sobre Alfred Andersch foram publicados em SEBALD, W.G. *De la destruction comme élément de l'histoire naturelle*. Arles: Actes Sud, 2004.

*no período do após-guerra, ou seja, omitindo ou ignorando todo aspecto problemático de uma obra. Para transformar Sebald em representante paradigmático de lugares comuns, como o exílio, a deportação em massa, ou a memória da Shoah considerada do ponto de vista de um alemão não-judeu, alguns ensaios controversos, como o texto sobre Alfred Andersch ou as conferências sobre a guerra aérea, foram relegados ao estatuto de aberrações infelizes, às margens de sua obra, mesmo eles sendo centrais para compreender a evolução de um escritor que não era apenas um autor de ficção, mas, também, um crítico literário e um ensaísta.*<sup>5</sup>

As conferências sobre os bombardeios que destruíram as cidades alemãs durante a Segunda Guerra Mundial<sup>6</sup> – os quais, segundo Sebald, não foram, apesar da sua violência extrema, objeto de nenhuma consideração por parte da literatura alemã do pós-guerra – abordam, de forma abertamente polêmica, o comprometimento dos escritores alemães com o silêncio que sufocava toda memória autêntica dos sofrimentos infligidos e sentidos durante o Terceiro Reich. Assim como o ensaio dirigido a Alfred Andersch, as conferências desencadearam uma controvérsia intelectual de grande amplitude que permitiu conhecer as formas da representação sebaldiana da Alemanha contemporânea e de seus escritores, mas que, apesar disso, praticamente não ultrapassou as fronteiras alemãs e não produziu, até onde sei, um questionamento mais amplo das ambiguidades políticas da obra de Sebald. Além dos ensaios evocados por Schütte, pertencentes à obra ensaística e polêmica de Sebald, o excesso melancólico de sua obra literária, se assim pudermos destacá-lo do conjunto, também merece ser interrogado. Melancólica até o desespero, a memória sebaldiana das catástrofes históricas parece excluir toda possibilidade futura de mudança política, ao mesmo tempo em que oferece uma releitura estranhamente crítica das esperanças de emancipação que marcaram os dois últimos séculos. Virando as costas ao futuro, mas também ao presente, sua aspiração ao passado a conduz a ignorar tudo o que, na modernidade, pôde contribuir para certas formas de progresso político ou individual, por mínimas que fossem. Certamente, esse pessimismo radical é temperado por uma profunda empatia pelos indivíduos excêntricos, os objetos *démodés*, o bestiário das criaturas ínfimas; mas deste interesse exclusivo pelos vencidos, pelos marginais e pelos esquecidos, advém a tentação de uma retirada melancólica que alimenta, segundo as palavras de Madame de Stael a propósito das *Afinidades eletivas*, de Goethe, um “conhecimento desalentador do coração humano”.

O objeto da reflexão que se segue não é julgar a melancolia sebaldiana, menos ainda interpretar a obra do escritor simplesmente como um sinônimo de uma época assombrada pela sequência das catástrofes do século XX. Na verdade, trata-se menos do pessimismo de Sebald do que de um certo gosto dos seus leitores pela expressão do desespero que pode levar a ignorar os aspectos despolitizantes ou mesmo conservadores da sua obra. Mais de dez anos após a morte do escritor, estamos no momento, sem dúvida, de enfrentar suas eventuais zonas de sombra – porque elas são também as nossas – mas também de lhe fazer justiça, pois, apenas olhando com lucidez os aspectos problemáticos dos seus textos, nós poderemos compreender como ele evitava as armadilhas políticas que poderiam deles surgir. No espaço necessariamente bastante limitado de um artigo, este exame se fará principalmente através do diálogo contínuo que a obra de Sebald estabelece com as teses sobre “o conceito de história” (1940) de Walter Benjamin, pois o eco dado a elas pelo escritor esclarece os riscos de despolitização

de uma filosofia precisamente fundada sobre o valor político da memória das catástrofes, ao mesmo tempo em que contribui para redefinir os laços contemporâneos entre melancolia e política.

### *Angelus Novus*

No início de *Les anneaux de Saturne*, o narrador se recorda, quando relata sua viagem pela costa leste da Inglaterra, de ter sido “apanhado de horror” ao “constatar que aqui igualmente, neste país longínquo, os traços da destruição remontam até ao passado mais distante”.<sup>7</sup> O leitor familiar de Sebald dificilmente pode compartilhar esse espanto: nenhum lugar, nenhuma época pode ser poupada pela repetição da violência que constitui “o curso cego e surdo da história”<sup>8</sup>, eis o que ele experimenta incessantemente através das histórias de vida reunidas na obra do escritor. De livro em livro, a busca sebaldiana é um registro inesgotável dos danos sofridos pela espécie humana. Recusando todas as razões para a narrativa sequencial dos acontecimentos, Sebald repete que nós não sabemos nada nem “antes” nem “depois” do curso da história, que se desenrola “segundo alguma lei que nenhuma lógica pode decifrar, movido, e muitas vezes desviado de sua orientação, no instante decisivo, por imponderáveis miudezas”.<sup>9</sup> Nenhum progresso, senão no aperfeiçoamento das ferramentas de destruição; nenhum sentido, senão no eterno retorno do desastre que faz do infortúnio a propriedade de uma “espécie desesperada”.<sup>10</sup>

À maneira do *Angelus Novus*, descrito por Walter Benjamin em sua famosa nona tese “sobre o conceito da história”, em que um anjo identifica, na cadeia de acontecimentos que consideramos como progresso, “uma única catástrofe que acumula ruínas sobre ruínas”<sup>11</sup>, Sebald vê a sequência de calamidades que compõe a história como um caos insensato, destituído de toda lógica interna e de toda finalidade. Pensada no contexto de uma catástrofe sem precedente, a alegoria do anjo da história é uma refutação inapelável das grandes teodiceias filosóficas que pretendiam transcender a negatividade da história em nome de um futuro colocado sob o signo do triunfo da razão. Ao mito de um progresso contínuo – apenas escandido de tempos em tempos por algumas tragédias infelizes – é necessário afrontar, escreve Benjamin, “a tradição dos oprimidos” que “nos ensina que o estado de exceção no qual vivemos é a regra”.<sup>12</sup> Sebald toma como seu o projeto de uma história dos vencidos, remontando, por vezes, aos tempos mais remotos para mostrar que a catástrofe, longe de interromper o *continuum* do tempo, é o próprio *continuum*. Seu interesse por aqueles “fadados ao desterro” e pelos “abandonados pela sorte”<sup>13</sup> não pode se explicar apenas pela vocação ética de uma escrita em forma de tumba dos vencidos, mas adquire sentido, igualmente, na perspectiva política de uma crítica radical à ideia de progresso. Descentralizar o olhar da história em direção às vidas anônimas e excêntricas ou atacar de frente as figuras e lugares comuns da história dos vencedores são formas, como postulava Benjamin, de “escovar a história a contrapelo”<sup>14</sup>, e de inverter seus procedimentos e pressupostos.

O tratamento que as narrativas de Sebald reservam à epopeia napoleônica é, sem dúvida, o melhor exemplo desta operação crítica de dupla face, desmitificando a figura heroica daquele que encarna, para Hegel, “a alma do mundo”, Napoleão, e recuperando a memória das vítimas anônimas deixadas no rastro da conquista. Na coletânea póstuma *Campo santo*, Sebald esboça uma biografia do Imperador, regressando aos lugares de sua

<sup>7</sup> *Idem, Les anneaux de Saturne*. Paris: Gallimard, 2003, p.13.

<sup>8</sup> *Idem, W. G. Séjours à la campagne*. Paris: Actes Sud, 2005, p.18.

<sup>9</sup> *Idem, Campo santo*. Arles: Actes Sud, 2009, p. 20.

<sup>10</sup> SCHWARTZ, Lynne Sharon et al. *L'archéologue de la mémoire: conversations avec W. G. Sebald*. Arles: Actes Sud, 2009, p. 59.

<sup>11</sup> BENJAMIN, Walter. Thèses sur le concept d'histoire. In: *Œuvres III*. Paris: Gallimard, 2000, p. 434.

<sup>12</sup> *Idem, ibidem*, p. 433

<sup>13</sup> SEBALD, W. G. *Les anneaux de Saturne, op. cit.*, p. 143. As citações em itálico estão desta forma no texto original.

<sup>14</sup> BENJAMIN, Walter, *op. cit.*, p. 433.

<sup>15</sup> SEBALD, W. G. *Campo santo*, op. cit., p. 20.

<sup>16</sup> *Idem*, *Vertiges*. Arles: Actes Sud, 2001, p. 23 e 24.

<sup>17</sup> *Idem*, *Les anneaux de Saturne*, op. cit., p.165.

<sup>18</sup> BENJAMIN, Walter, op. cit., p. 438.

<sup>19</sup> SEBALD, W. G. *Austerlitz*. Arles: Actes Sud, 2002, p. 36 e 37.

infância corsa. Ora, não apenas o destino imperial do “mais encenqueiro” dos irmãos Bonaparte é apresentado como um completo mistério, mas a própria figura do herói se torna objeto de uma degradação cômica, tanto pela estranha semelhança que liga a imponente caixa da Casa Bonaparte à figura legendária, de quem ela conserva as relíquias, quanto pela miniaturização literal do herói, cujos “numerosos figurinos que o representam em suas atitudes célebres [...] se tornam cada vez menores até que não se veja mais do que uma pequena mancha branca indistinta, talvez o ponto de fuga evanescente da história da humanidade”<sup>15</sup>. Assumindo o contraste com a imagem hegeliana do herói épico que incorpora o espírito da história, “o ponto de fuga evanescente” que se abre ao observador dos figurinos lendários marca a ausência de toda finalidade racional da história no horizonte do ciclo de tragédias desencadeadas pela humanidade. A mesma perspectiva crítica ilumina a narrativa das grandes batalhas contadas em *Vertiges* (Marengo), *Les anneaux de Saturne* (Waterloo) e *Austerlitz* (Austerlitz). Quer se tratasse de vitórias ou derrotas, os campos de batalha napoleônicos abriram invariavelmente uma “gigantesca vala comum” de homens e cavalos que “testemunharam a realidade dos combates”.<sup>16</sup> O narrador sebaldiano gostaria de emprestar sua voz ao “coro polifônico dos lamentos e gemidos” dos feridos e moribundos esquecidos dos feitos heroicos napoleônicos, mas não há nada além de um “campo desolado e de uma montanha de mortos”<sup>17</sup> anônimos cuja história está irremediavelmente perdida.

## O apelo do passado

Ao sugerir que é impossível responder ao apelo do passado, a concepção sebaldiana de história se afasta daquela de Benjamin e parece dissociar a história dos vencidos de sua vocação política original. Com efeito, nas “Teses” do filósofo, o reconhecimento da tradição dos oprimidos constitui, simultaneamente, o instrumento central da crítica das teorias do progresso e o motor da revolução: “o ódio e o espírito de sacrifício” necessários ao combate revolucionário “se alimentam da imagem dos ancestrais escravizados e não do ideal de uma descendência livre”.<sup>18</sup> Se, em Benjamin, a revelação do curso catastrófico da história se articula à concepção de uma nova prática historiadora destinada a modificá-lo, a melancolia do narrador, em Sebald, produz, inversamente, um sentimento de impotência insuperável diante da vastidão do desastre. Não apenas o presente parece jamais colocar fim nos processos catastróficos, cuja a existência dos vencidos é testemunha, mas, ao contrário, o sofrimento avança à medida que a vida individual está cada vez mais regida pelas leis do capital e pela violência política.

Além disso, a noção de uma história dos vencidos se alarga na obra de Sebald para designar não apenas o conjunto dos perdedores e das vítimas da história – os exilados, os judeus, os colonizados – mas também todos aqueles que não deixam traços na história – anônimos, animais, loucos, melancólicos, vítimas indiretas. Esmagado pela ideia de que “tudo cai no esquecimento com cada vida que se extingue”<sup>19</sup>, o narrador sebaldiano toma consciência do absurdo do seu esforço de salvamento dos esquecidos, com tanta clareza, que torna-se impossível responder ao apelo de uma única vítima do passado. Assim, diante de uma fotografia de si próprio criança, disfarçado de pajem, o cabelo encaracolado e envolvido em uma “auréola clara e fantasmagórica”, Austerlitz sentia “o olhar interrogador do pajem que veio reclamar o seu quinhão e que,

agora, à luz da alvorada, aguardava no campo vazio que eu levantasse a luva e invocasse o infortúnio que o futuro lhe reservava”.<sup>20</sup> Confrontado com a aparição da criança que ele foi – e que logo então perderia, junto com os seus pais, sua pátria e sua língua, enfim, toda lembrança de suas origens – Austerlitz percebe dolorosamente que é incapaz de satisfazer a demanda de justiça que se eleva do passado. Instado a reconhecer a criança, mas igualmente a impedir a catástrofe iminente, ele confirma, ao contrário, a irreversibilidade do desastre ao continuar a se sentir estranho ao seu próprio fantasma. Em resposta ao espectro do pajem, surgiu apenas a constatação de uma incapacidade de ler um outro futuro possível que não seja o de sua destruição.

Como conciliar uma tal impotência com a preocupação ética e política de uma transmissão da tradição secreta dos oprimidos? Qual é o sentido de exumar os traços das vítimas da história se é impossível fazer justiça a elas ou colocar fim à violência que sofreram? Por que ressuscitar os oprimidos cuja narrativa apenas repete sua irremediável derrota? De uma forma bastante perturbadora para uma obra tão singular e crítica, a representação sebaldiana da história dos vencidos parece reencontrar a tensão entre ética e política que atravessa a maior parte das produções memoriais contemporâneas. Herdeira da “tradição dos oprimidos”, a ética contemporânea que preside a ressurreição das vítimas estaria, em realidade, nos antípodas dos fundamentos políticos dessa tradição, como sugere Enzo Traverso:

*Uma figura anteriormente discreta e pudica se impôs ao centro do debate: a vítima. Massivas, anônimas, silenciosas, as vítimas invadiram a cena e dominam, desde então, nossa visão da história. [...] A história se assemelha agora à paisagem contemplada pelo anjo da nona tese de Walter Benjamin: um campo de ruínas que se amontoam sem cessar até o céu. Exceto pelo fato de que o novo espírito do tempo está nos antípodas do messianismo do filósofo judeu-alemão. Nenhum “tempo atual” (Jetztzeit) entra em ressonância com o passado para realizar a esperança dos vencidos. A memória do Gulag apagou aquela das revoluções, a memória da Shoah substituiu aquela do antifascismo, a memória da escravidão eclipsou a do anticolonialismo; tudo se passa como se a lembrança das vítimas não pudesse coexistir com aquela dos seus combates, das suas conquistas e das suas derrotas.*<sup>21</sup>

Porque cada reencontro de um presente com um passado é único, Benjamin escreveu em suas teses que “é uma imagem irrecuperável do passado que corre o risco de desaparecer com cada presente que não se reconhece atingido por ele”<sup>22</sup>. Pois Austerlitz, como tantos personagens sebaldianos confrontados com imagens e testemunhos de sofrimentos passados, se sente “perfurado” pelo apelo do desaparecido, mas sem encontrar, pela reversibilidade do tempo, a chave de um outro futuro possível ou, ainda, nos termos políticos de Benjamin, sem poder “agitar no passado a centelha da esperança”.<sup>23</sup> Fiel leitor do filósofo alemão, Sebald parece reter das “teses” a ideia de que a catástrofe é a norma da história, mas exclui “a frágil força messiânica” na qual reside a esperança, para cada geração, da instauração do “verdadeiro estado de exceção”<sup>24</sup>, em resposta aos apelos dos vencidos do passado. Ao invés daquela do anjo da história, a posição de Sebald parece, em última análise, com aquela dos fantasmas, cuja presença ele evoca na obra de Hebel e que “têm o costume de observar a vida – mudos, pasmos, resignados – a partir de um ponto excêntrico”.<sup>25</sup> Agora,



<sup>20</sup> *Idem, ibidem*, p. 255.

<sup>21</sup> TRAVERSO, Enzo. *L'histoire comme champ de bataille: interpréter les violences au XXe siècle*. Paris: La Découverte, 2011, p. 264 e 265.

<sup>22</sup> BENJAMIN, Walter, *op.cit.*, p. 430

<sup>23</sup> *Idem, ibidem*, p. 431.

<sup>24</sup> *Idem, ibidem*, p. 433.

<sup>25</sup> SEBALD, W. G. *Séjour à la campagne, op. cit.*, p. 20.

<sup>26</sup> *Idem, Campo santo, op. cit., p. 97.*

<sup>27</sup> *Idem, Les anneaux de Saturne, op. cit., p. 200 e 201.*

<sup>28</sup> *Idem, ibidem, p. 295.*

<sup>29</sup> SEBALD, W. G. *Le séjour de la campagne, op. cit., p. 80.*

<sup>30</sup> *Idem, ibidem, p. 27.*

<sup>31</sup> *Idem, ibidem, p. 35.*

<sup>32</sup> *Idem, ibidem, p. 39 e 40.*

paradoxalmente, o ponto de fuga evanescente da história da humanidade poderia representar o caráter ilusório da esperança messiânica do filósofo tanto quanto o sonho do progresso universal ao qual ele se opunha.

### A catástrofe iminente

Não surpreende, deste modo, que Sebald admita constantemente, em suas entrevistas, um certo desinteresse pelo futuro, ainda menos aberto à esperança do que o passado. Certamente, uma vez que o curso da história é imprevisível, ninguém pode afirmar que toda esperança esteja condenada. Mas, como ele escreve em um texto sobre Alexander Kluge, “na ponta extrema de uma civilização que, tudo leva a crer, está rumando para o seu fim”, a “perspectiva de ver a história tomar um outro curso” desafia “os cálculos de probabilidade”.<sup>26</sup> A observação do caráter destrutivo presente em todas as ações humanas faz, assim, da catástrofe um horizonte quase necessário, conduzindo a espécie humana a sofrimentos cada vez maiores ou mesmo ao seu próprio fim. Sempre suscetível a produzir novos desastres, o futuro, longe de trazer a perspectiva consoladora da transformação, é a fonte de uma agonia constante, ligada à possibilidade de inversão do destino, destituindo o indivíduo de uma felicidade frágil ou agravando a dinâmica da desventura e da privação. Com a lucidez que os moribundos possuem a respeito da extrema precariedade de toda existência, a Imperatriz viúva da China, cuja vida é longamente evocada em *Les anneaux de Saturne*, percebe que “a história não é feita de outra coisa que não infelicidade e aflições que batem sobre nós sem trégua ou descanso, como as ondas sobre as costas do mar; tanto assim, ela diz, que durante nossos dias, nós não vivemos um único instante que tenha sido verdadeiramente livre do medo”.<sup>27</sup> A confiança no futuro é sinal de uma cegueira ou de uma inocência sempre denunciadas pela irrupção da desventura, tão mais brutal quanto maior fosse a esperança. Se existe uma lição da existência humana, é a de que nós progredimos unicamente em direção ao sofrimento, “pois a catástrofe é tão mais próxima quanto o futuro se mostra sob a luz mais brilhante”.<sup>28</sup>

É importante dar um sentido ao mesmo tempo individual e político a esta última afirmação, como mostram os ensaios biográficos reunidos sob o título *Séjours à la campagne*, quase todos dedicados a escritores do fim do século XVIII ou do início do século XIX, momento em que a história europeia balança em meio às revoluções políticas e industriais. Como muitos de seus contemporâneos, esses escritores são a prova dolorosa da extraordinária aceleração do tempo que submete a vida das nações e dos indivíduos à instabilidade sempre crescente. A melancolia de um escritor como Mörike é provocada por uma sociedade cada vez mais regida pela ética do trabalho e da concorrência, bem como “pela angústia da falência, do descrédito, da aniquilação”<sup>29</sup> que assombra também as obras de Grillparzer, Lenau ou Stifter. Esta “aceleração e essa escalada catastrófica”<sup>30</sup>, a partir dos anos 1780, marcam uma virada essencial na história que “desde então não se torna outra coisa que não a martirologia da humanidade”.<sup>31</sup> Mas a sombra retrospectiva produzida pelas catástrofes iminentes leva Sebald a insistir na articulação paradoxal entre a esperança de emancipação dos povos europeus e a violência extrema da história contemporânea. Descrevendo “o advento de uma nova época carregada de ameaças que, mesmo sonhando com a maior felicidade possível para a humanidade, já desenha os traços de sua desventura absoluta”<sup>32</sup>, Sebald recupera os con-



tornos marxistas da crítica da sociedade burguesa e da filosofia das Luzes levada a cabo pelos teóricos da Escola de Frankfurt; mas, igualmente, ele cruza um discurso politicamente bem mais surpreendente, imbuído de um franco conservadorismo, quando cita, sem repudiar, os propósitos do acadêmico Jean Dotourd sobre a tomada da Bastilha, sugerindo que teria sido “mais sensato que a guarnição da Bastilha abrisse fogo contra os sitiados, o que teria impedido que um bravo povo trabalhador se transformasse em uma nação de selvagens e também que o arrivista da Córsega chegasse ao poder”. No horizonte das esperanças revolucionárias, o Terror ganha forma e, atrás dele, a invenção de um nacionalismo que leva diretamente ao nascimento de uma “Alemanha nova e inquietante”<sup>33</sup> responsável pelo genocídio dos judeus na Europa.

É por isso que o apocalipse que colocaria fim aos sofrimentos humanos é imaginado sem desespero, no momento em que o narrador de *Les anneaux de Saturne* atravessa as ruínas de um complexo militar desativado na costa inglesa e se imagina repentinamente no “meio dos vestígios da nossa própria civilização destroçada em alguma catástrofe futura”.<sup>34</sup> Adotando o ponto de vista de um “estrangeiro nascido posteriormente e que se encontra, sem nada saber sobre a natureza da nossa sociedade, entre montanhas de detritos metálicos e máquinas destruídas deixadas atrás de nós”<sup>35</sup>, Sebald percebe o presente como já passado, com a curiosidade mas também com a relativa indiferença que suscitam as ruínas das civilizações desaparecidas. A antecipação dessa catástrofe não serve, no presente, a nenhuma moral de ação: sem ser explicada, não há como, entretanto, ela ser evitada. Devemos ver, uma vez mais, o signo da despolitização completa da perspectiva histórica em favor de uma lógica emprestada do modelo da história natural<sup>36</sup>, segundo a qual todas as civilizações são condenadas à morte? Ou simplesmente a consequência de um desespero fortemente radical para justificar uma forma qualquer de engajamento político?

Na verdade, para o leitor de hoje, a descrição das ruínas não é evidentemente a de qualquer civilização desaparecida: de maneira oblíqua, “os trilhos de ferro sob os tetos, os ganchos nas paredes ainda parcialmente revestidas, os chuveiros do tamanho dos pratos, as rampas e os tapumes”<sup>37</sup>, para os quais o estrangeiro tenta em vão designar uma função, relembram a arquitetura de um campo de extermínio e conectam nossa civilização a uma catástrofe política que não tinha nada de inelutável. Em ruptura com o modelo da história natural, o caráter contingente do desastre e sua dimensão política são confirmados pela leitura que Sebald propõe de um poema de Johann Peter Hebel sobre a destruição iminente de Basel. Durante uma conversa entre um pai e um filho sobre “a brevidade da vida, o caráter efêmero de toda obra humana, as casas e os povoados habitados pelos homens, o verde da natureza e o mundo todo”<sup>38</sup>, o poeta imagina, inicialmente, o declínio natural da grande cidade, “ela própria condenada a desaparecer”, seus escombros rapidamente recobertos pelos pinheiros, espumas e plantas. “Que tragédia”, exclama o narrador do desastre diante da vaidade de todas as coisas, mas a exclamação é imediatamente temperada pelo comentário de Sebald, que vê na “paz que reina agora sobre Basel” o sinal do triunfo de um tempo cíclico e reparador, aquele de uma natureza “poupada pelo homem, onde as pradarias e os cursos d’água podem reconquistar seus braços mortos e as garças dar voltas no céu”.<sup>39</sup> Ao contrário desse quadro tranquilo do declínio natural, “o espetáculo que o pai evoca em seguida é bem mais terrível. Ele mostra a guerra e a destruição e um mundo que se

<sup>33</sup> *Idem, ibidem*, p. 36 e 37.

<sup>34</sup> *Idem, Les anneaux de Saturne, op.cit.*, p. 308.

<sup>35</sup> *Idem, ibidem*, p. 309.

<sup>36</sup> Este risco também foi percebido por Lucie Campos a respeito da aproximação sebaldiana entre história e história natural e da possível “neutralização política das catástrofes em função de sua naturalização”. CAMPOS, Lucie. *Fictions de l’après: Coetzee, Kertesz, Sebald. Temps et contretemps de la conscience historique*. Paris: Classiques Garnier, 2012, p. 281.

<sup>37</sup> SEBALD, W. G. *Les anneaux de Saturne, op. cit.*, p. 309.

<sup>38</sup> *Idem, Séjours à la campagne, op. cit.*, p. 38.

<sup>39</sup> *Idem, ibidem*, p. 39.

<sup>40</sup> *Idem*.

<sup>41</sup> SEBALD, W. G. *Séjours à la campagne*, op. cit., p. 41.

<sup>42</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 40.

<sup>43</sup> *Idem*, *De la destruction comme élément de l'histoire naturelle*, op.cit. Situada na Suíça, Basel não faz parte, evidentemente, das cidades alemãs evocadas por Sebald, ainda que ela tivesse sido alvo de bombardeios durante a guerra em função, sem dúvidas, de sua posição fronteiriça.

<sup>44</sup> *Idem*, *Les anneaux de Saturne*, op. cit., p. 41.

<sup>45</sup> *Idem*, *Austerlitz*, op. cit, p. 20 e 21.

<sup>46</sup> *Idem*, *ibidem*, p.141.

consome em chamas, bem no estilo do Julgamento Final”<sup>40</sup>. A violência do incêndio sobre Basel não deixa nenhuma possibilidade de retorno à ordem natural, nenhuma esperança de recomeço da história humana. O que atinge o leitor, ao contrário, é o caráter absolutamente irreparável da aniquilação: “tudo está reduzido em cinzas, até as raízes. A pradaria está deserta, tudo está escuro e desolador e reina um silêncio mortal tão distante quanto o olhar possa alcançar”<sup>41</sup>, escreve o poeta.

Contrariamente aos sonhos progressistas de sua época, o imaginário escatológico de Hebel assinala o traço político das projeções apocalípticas “nesta época saturada de ameaças”<sup>42</sup> e a fragilidade natural de todas as realizações humanas, deixando espaço à responsabilidade coletiva dos homens na construção de sua infelicidade. A descrição que faz Sebald dos bombardeios sobre as cidades alemãs ao fim da Segunda Guerra<sup>43</sup> oferece um eco singular ao prognóstico do poeta, ainda que, do ponto de vista do leitor dos nossos dias, as duas visões da destruição de Basel assinalam menos a diferença entre dois futuros possíveis da humanidade do que entre o que foi e o que poderia ter sido, à luz de um desaparecimento inevitável em qualquer caso. “Observada a partir da Via Láctea” ou do ponto de vista do anjo da história, “a terra em ruínas, calcinada, escura e desoladora”<sup>44</sup>, que contempla Sebald no fim do seu ensaio sobre Hebel, representa, ao mesmo tempo, nosso futuro e nosso passado, pois as ruínas são aqueles da Europa derrotada por uma catástrofe irreparável pela qual ela é responsável.

## Resistências

O apocalipse já ocorreu e sua sombra se estende sobre o presente, alimentando o desengajamento melancólico da escrita, a recusa de todo messianismo e mesmo a impossibilidade de pensar a comunidade política de indivíduos que não têm mais o que partilhar além da solidão e do desespero. Este apocalipse, entretanto, nada tem de natural ou de uma fatalidade transcendente: ele é o fim de um processo político multissecular no qual os indivíduos estiveram submetidos ao império do tempo capitalista e às leis do mercado. Quando de sua primeira conversa com o narrador, na sala de espera da estação de Anvers, Austerlitz fala sobre o espetáculo das “divindades do século XIX” que são simbolicamente representadas sobre os muros do *hall* de entrada: a mineração, a indústria, os transportes, o comércio e o capital. “E acima de todos esses símbolos, diz Austerlitz, havia o tempo, representado pelos ponteiros e pelo mostrador [...] lá exatamente no Panteão, onde se podia ver a imagem do imperador em prolongamento direto do portal”. Como “emblema do novo poder reinante sobre a cidade”, o grande relógio da estação lembra que a organização capitalista do trabalho e das trocas não poderia florescer sem a instituição de uma nova dominação do tempo: sincronização dos horários das cidades europeias, racionalização do tempo de trabalho, imposição de um ritmo coletivo uniforme. Mas esta dominação assinala igualmente que “o império incontestado”<sup>45</sup> do tempo sobre o mundo é um fenômeno relativamente recente, que data apenas da metade do século XIX. Assim, o tempo que nos destrói é, entretanto, segundo Austerlitz, “de longe, a mais artificial de nossas invenções”<sup>46</sup>.

Ao contrário da perspectiva desencorajante de uma repetição infinita das catástrofes, a figuração da invenção do tempo moderno sugere assim a ideia de uma fuga. Se Sebald se recusa a descrever o tempo do depois ao



modo do reino messiânico, da mesma forma em que recusa, na sua representação do passado, a mitificação de um tempo poupado pela violência, ele não deixa de imaginar, no seu presente, formas modestas de resistência à dominação do tempo. Fundamentalmente críticas, suas narrativas opõem à ética do trabalho e da performance a inatividade da melancolia, à acumulação capitalista – ou, seu inverso, a privação dos miseráveis –, a ascese voluntária daqueles que, como Michael Parkinson em *Les anneaux de Saturne* ou Robert Walser em *Séjours de la campagne*, não possuem nada e, finalmente, ao poder do tempo mecânico a resistência do “estar-fora-do tempo”.<sup>47</sup> Retomando a prática do colecionador, tão cara a Benjamin, Sebald reúne em seus textos as vidas melancólicas de sujeitos excluídos do mundo, improdutivos, cuja existência é, como uma velha antiquária com aparência de sacerdotisa encontrada na obra de Keller, a personificação de uma “uma etapa da evolução social bem anterior aquela já alcançada em sua época”.<sup>48</sup> Marginais, em descompasso com seu tempo, estas vidas têm entretanto um valor evidentemente político – assim como gesto literário que as recolhe – na medida em que elas realizam uma acumulação (de velharias, de papeis, de imagens, de poeira) a qual “a noção de capital é absolutamente estranha”.<sup>49</sup> Algumas delas são vidas felizes, como era, aos olhos de Sebald, a existência de Michel Parkinson, sereno pela “ausência de necessidades que, alguns diziam, o confinava à excentricidade”<sup>50</sup> ou ainda aquela de Alec Gernard, ocupado durante décadas em construir um maquete do templo de Jerusalém, uma *bricolage* ao mesmo tempo inútil e absurda<sup>51</sup> do ponto de vista de seus contemporâneos, e que, entretanto, em certas horas do dia, dava ao artista construtor o êxtase daquele cuja visão “mergulha nas regiões elísias”.<sup>52</sup> É neste sentido que o movimento retrógrado da obra, ou suas tentativas de se desgarrar do tempo, deixam um lugar à utopia progressista de uma alternativa à lei do capital, uma alternativa que não poderá ser constituída, como aquela de Benjamin, pela revolução coletiva, mas, bem ao contrário, modestamente, passo a passo, pela perspectiva individual de recolhimento em si próprio que pode fazer de certas vidas melancólicas uma forma de utopia em miniatura.

## A utopia do melancólico

Da Revolução Francesa à extinção catastrófica da civilização capitalista, passando pelo bombardeio da Alemanha genocidiária, a genealogia política do desastre, esboçada nas obras de Sebald, restitui uma perspectiva diacrônica na história dos vencidos. Contrariamente ao que poderia sugerir a exumação dos traços da destruição até os primeiros tempos da humanidade, a historicidade não se anula sob a repetição caótica das calamidades. Ao contrário, a modernidade constitui um momento histórico de ingresso em uma nova forma de experiência do tempo. Sem jamais idealizar os tempos pré-capitalistas, nos quais o destino dos oprimidos deixou seu vinco de violência e de sofrimento, Sebald sublinha, não obstante, que a entrada na modernidade deu início a uma dinâmica paradoxal de progresso técnico e de regressão social que levou às catástrofes do século XX. Desde então, o sofrimento humano não deixa de aumentar, em um processo acumulativo que não parece mais poder ser interrompido, nem mesmo retardado. A reversibilidade generalizada das situações políticas e individuais, própria do século das revoluções, encontra seu limite no caráter irreparável das destruições que as acompanham: a vida perdida não pode ser restabeleci-

<sup>47</sup> *Idem, ibidem*, p. 143. O “estar-fora-de-tempo”, que antes era o modo de existência nos territórios remotos e esquecidos do nosso próprio país, assim como nos continentes ainda não explorados no exterior, também foi encontrado, diz Austerlitz, em metrópoles regidas pelo tempo, como Londres, por exemplo. Não estavam os mortos fora do tempo? Os moribundos? Os pacientes acamados em casa ou em hospitais? E não só eles, porque bastava ter sua própria desgraça pessoal para já ser cortado de qualquer passado e futuro”.

<sup>48</sup> *Idem, Séjours à la campagne, op. cit.*, p. 101.

<sup>49</sup> *Idem*.

<sup>50</sup> *Idem, Les anneaux de Saturne, op. cit.*, p. 17.

<sup>51</sup> *Idem, ibidem*, p. 317.

<sup>52</sup> *Idem, ibidem*, p. 322.

<sup>53</sup> BENJAMIN, Walter. Paris, capitale du XIXe siècle. In: *Œuvres III, op. cit.*, p. 57. “[O colecionador] deve, por possuir coisas, tirá-las de seu caráter mercantil. Em vez do valor de uso, ele empresta a elas apenas o valor que têm para o amador. O colecionador se transporta, em sonho, não apenas para um mundo distante ou desaparecido, mas também para um mundo melhor, onde, certamente, os homens vivem privados cotidianamente daquilo que necessitam, mas onde as coisas são dispensadas da obrigação de serem úteis”. Sobre a prática sebaldiana da coleção e sua ligação com a filosofia de Benjamin, permito-me remetê-los ao meu artigo *Éthique du récit et violence historique: la collection comme paradigme poétique* (W.G. Sebald). In: AS-TRUC, Rémi e EBGUY, Jacques David. *Les valeurs dans le roman: conditions d’une poétique romanesque*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 2013.

<sup>54</sup> Ver HUBERMAN-DIDI, Georges. *Survivance des lucioles*. Paris: Éditions de Minuit, 2009.

da, tanto quanto a natureza destruída não pode ressurgir para apagar os traços do desastre permanente de sua exploração.

Contudo, nessa perspectiva propriamente despolitizante de um catastrofismo que constitui a essência do devir histórico, a genealogia dos males modernos substitui um discurso politicamente ambíguo, que parece condenar toda esperança revolucionária em função das violências que se seguem invariavelmente à contestação da ordem estabelecida, violências tão vãs que a sequência de catástrofes não pode encontrar outro fim que não a aniquilação. Se a obra de Sebald evita, apesar de tudo, a armadilha de uma melancolia reacionária, ela preserva, pela própria melancolia, não a esperança utópica de uma retirada da história, mas a presença no mundo histórico de seres que lhe escapam. Nem algum reino futuro, nem paraíso perdido, mas lugares, objetos, coisas que resistem ao tempo e também a narrativa que, repetindo o gesto do colecionador, retira-lhes o que Benjamin chamava de “seu valor de uso”.<sup>53</sup> *In fine*, se a melancolia que surge do espetáculo repetido das catástrofes despolitiza a obra e, assim, não pode mais ser pensada com as referências tradicionais do engajamento do escritor, da ação revolucionária ou do imaginário crítico da utopia coletiva, ela é, por outro lado, o instrumento político essencial que de Sebald opõe ao império do tempo e às leis do mercado que regem a modernidade. Como os vagalumes, cujo brilho fraco, analisado por Georges Didi-Huberman em um belo ensaio<sup>54</sup>, resiste tanto ao domínio das trevas da história quanto à promessa cega de um apocalipse salutar, a melancolia oferece aos leitores de Sebald um refúgio e uma alternativa no âmago das ruínas do nosso tempo.

*Tradução (autorizada pela autora) recebida e aprovada em novembro de 2018.*